

O ovo de colombo nas práticas de orientação

Resumo

É objectivo do presente trabalho reflectir sobre a prática de uma intervenção-redescoberta, pressupondo-se algo que, na narrativa do indivíduo é evidente: o contexto profissional não se encontra desligado do familiar, dos grupos de pertença, inerentes ou criados, dos macrossistemas políticos e económicos. Daqui resulta uma concepção de intervenção e desenvolvimento vocacional como um processo complexo e multidimensional, alicerçado num conjunto de decisões e escolhas ao longo da vida, capaz de empoderar, promover a reflexão crítica e a capacidade para a acção tendo em vista os desafios que a contemporaneidade coloca aos indivíduos. O profissional de orientação, perante tais circunstâncias, deve também ser capaz de se reinventar, apresentado-se como alguém que é orientação-reflexivo *a priori*, *in loco* e *a posteriori*, filosófica e psicologicamente crítico, com função de charneira no decifrar do simbolismo interno e externo. Mas, importa sublinhá-lo, este profissional não é imune às variáveis que interferem em qualquer outro indivíduo. Abstrai-se para conceptualizar, mas deve permanecer em ligação com a realidade inerente à sua prática profissional, num processo de permanente (re)criação – ou, como inicialmente se referiu, de intervenção-redescoberta.

Introdução

A procura vagueante de um certo amparo, naquelas que vinham a ser as divergências com a prática de orientação, conduziu este trabalho reflexivo. A teoria é significada tendo por base leituras pessoais e/ou sociais e a prática decorre da capacidade de cada profissional transformar as conceptualizações em exercício prático, paralelo ao processo de produção daquele sujeito e/ou grupo. Este documento denominado “O ovo de Colombo nas práticas de orientação” é uma ideia-metáfora, que emergiu na e da participação na formação “Orientação Vocacional: A exigência de novas práticas”. Pode considerar-se resultante da necessidade de romper com a perspectiva tradicional de orientação vocacional e com as ideias que lhe estão subjacentes (a da descoberta, a da decisão única e a da transmissão de informação), para a transformar numa redescoberta (ou, melhor, num processo em permanente (re)construção), num conjunto de decisões e escolhas que ocorrem ao longo da vida, meta-informativa, capaz de empoderar, promover a reflexão e a capacidade para a acção.

Conta-se que num banquete comemorativo da descoberta da América por Colombo, um cortesão perguntou-lhe: *Se a América não tivesse sido descoberta*

¹ Casa da Juventude de Santa Cruz do Bispo

² Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social, Universidade de Coimbra; Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

por si, acha que algum outro homem seria capaz de fazê-lo? Colombo levantou-se, optando por responder a partir de uma evidência: pegou num ovo de galinha fresco e convidou todos os presentes a colocá-lo de forma a que se mantivesse em pé, sobre uma das suas extremidades. O tempo passava e ninguém descobria como o fazer, apesar das inúmeras tentativas. Finalmente, Colombo pegou no ovo, bateu-o levemente contra a mesa, quebrando um pouco da casca de uma das pontas e, devido a este achatamento, o ovo manteve-se na posição vertical. O cortesão exclamou: *Assim qualquer um pode fazê-lo!*. Colombo respondeu-lhe: *qualquer um pode fazê-lo! Eu mostrei o caminho ao novo mundo, qualquer um poderá segui-lo, mas alguém antes teve a ideia e depois alguém teve que se decidir a colocá-la em prática!*.

Dito de outro modo, se por um lado há soluções às quais parece ser muito difícil chegar, depois, quando, enfim, alguém as descortina, acabam por parecer, um pouco paradoxalmente, bastante óbvias e simples. Contudo, mesmo após observarem Colombo a partir o ovo, os convidados teriam que encontrar uma forma de partir a extremidade do ovo que lhes coube, de acordo quer com as suas características pessoais (biológicas, psicológicas) quer de acordo com as características do ovo (e.g., formato, tamanho, textura).

Da mesma forma, neste documento, perspectivam-se algumas das “novas práticas” em orientação vocacional, assumindo-se um risco de se falar de um “novo” que se constata ilusório devido à existência fugaz do agora, aliada à produção constante do mundo do conhecimento. Este pseudo-novo sacia momentaneamente a busca de compreensão quotidiana, sedimentada numa prática profissional onde se edificam algumas questões: como potencializar a direcionalidade/intencionalidade assumida nos processos de orientação? Que alternativas aos instrumentos utilizados na lógica da aprendizagem académica e consideradas essenciais na orientação vocacional? Haverá necessidade de temas basilares ao desenho do processo de orientação vocacional? Se sim, quais? Se não, a ausência de linhas pode ser só por si o elemento basilar do processo? De que modo o processo de orientação interfere na construção de significado por parte dos sujeitos psicológicos?

O acesso a teorias como as de Guichard (1997, 2005, 2007), Young e Valach (2000, 2002, 2008), simboliza a ideia de como colocar o ovo em pé, segundo a lógica avançada anteriormente de que qualquer um pode chegar lá ou percorrer o caminho, depois de outros (os autores mencionados) o terem desbravado. Depreende-se, portanto que, em grande medida, cabe ao profissional definir, em concreto, o modo como vai operacionalizar as ideias por eles avançadas, como as irá tornar exequíveis, tendo em conta a multi-direccionalidade das características da população-alvo (consulta psicológica vocacional, individual, grupal ou comunitária), as suas (do profissional), bem como as especificidades dos contextos em que ambos se movem. Por conseguinte, e sempre com base na experiência profissional acumulada até ao momento, segue-se uma reflexão sobre o modo como teorias como as antes mencionadas podem auxiliar na resolução de questões emergentes ou ser potencializadoras de outras perspectivas, ao mesmo tempo que se revelam ainda incompletas (chegar-se-á à completude ou somente com uma reincidência na renovação das práticas?)

As micro e macro-estruturas e o “Homem Novo”

A semelhança dos percursos de vida pautados pela dinâmica e interacção que lhes estão associados, também os serviços têm que se constituir sistemas abertos, como reflectores-analistas das meta-narrativas e das construções pessoais do indivíduo. O modo como os indivíduos se relacionam, numa perspectiva psicológica, com a aprendizagem e o trabalho nunca se encontra desligado dos macrossistemas (políticos, económicos, sociais, culturais, históricos...) que os envolvem e interseccionam. Indelévelmente, daí decorrem muitas das questões a ser postas na mesa, em debate político e público. São temas que, no essencial, vão ao encontro do quotidiano dos cidadãos: o sistema de educação/formação, o trabalho, a carreira, o desemprego, a precariedade do emprego, a empregabilidade e os factores que a potenciam, a primazia da economia e da tecnologia, o definhar da política (no seu sentido mais tradicional, entenda-se), a ideia de que, afinal, ao contrário do que se pensava, o trabalho não se encontra ao alcance de todos, o que vem subverter o que era dado como certo (o pleno emprego). Entre vários outros temas, estes são alguns dos tópicos que reflectem o individualismo pós-moderno na exigência de novas práticas no domínio da orientação (mas não só) (Coimbra, 2005).

A nossa experiência profissional, em consonância com alguma da literatura sobre o tema (e.g., Aynsley & Crossouard, 2010; Bynner & Parsons, 2001; Franzén & Kassman, 2005; Pais, 2001) identifica um défice social de apoio aos jovens que já não se encontram na escola, jovens que referem sentir-se perdidos e sem suporte psicológico. Jovens que deixaram a escola ou que finalizaram o percurso formativo, ao nível do 3º ciclo, do secundário ou da licenciatura, ou jovens ausentes do sistema, porque não se encontram abrangidos pelos contextos de educação, formação ou de emprego. A própria instabilidade ao nível das representações do trabalho é reflexo de percursos laborais marcados por turbulência, flexibilidade, impermanência. Fala-se de trajectórias alongadas, fracturadas, adiadas, frustradas (cf. Parada, 2007). Aliás, uma particularidade de muitos jovens contemporâneos é viverem um tempo de instabilidade e

incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência (Pais et al., 2005). Se o trabalho é não só o modo de auferir rendimentos, mas também uma relação social essencial, que portanto influi nos restantes domínios da sua vida, que impactos psicológicos advêm de uma tal conjuntura para os indivíduos? Inevitavelmente, esta conjuntura condiciona a construção das representações do trabalho (Mêda, 1999, Parada, 2007).

A necessidade da orientação... Mas que práticas?

Torna-se inviável realizar uma intervenção uni-dimensional, quando o sujeito psicológico humano não consegue obviamente despersonalizar-se e ser uma pessoa totalmente diferente de si próprio, nos seus diferentes contextos (Beijan & Solomone, 1995). Há aspectos da estrutura psicológica, do self, que são transversais aos múltiplos ambientes em que cada um de nós se movimenta, isto é, à sua existência e, conseqüentemente, à sua capacidade de mudança (Guidano, 1991). É nesta transversalidade que se desenham as histórias de vida, as carreiras, quando vistas nesta perspectiva de (re)construção de uma sequência de acções, intencionalmente direccionadas e imbuídas de sentido, de coerência (ou seja, de significação psicossocial), articuladas em múltiplos e interactivos projectos de vida (e.g., Young & Valach, 2000). Daqui, facilmente se depreende a ligação entre acção, projecto e carreira enunciada pela perspectiva avançada por estes dois autores. Pode entender-se por acção um conjunto de comportamentos específicos desenvolvidos com um objectivo comum numa determinada situação. Quando várias acções acontecem com objectivos comuns ao longo de um determinado período de tempo, podem considerar-se projectos. Quando se evidenciam projectos com significado construído ao longo do tempo, pode falar-se de carreira (Young, Marshall & Valach, 2007).

As narrativas são por vezes soltas, desencadeadas, descoordenadas, evidenciando uma ausência de direcção, de “inconsciência” quanto às competências que possuem e um alheamento quanto às conexões percurso profissional-história desenvolvimental. É peremptório na construção de um projecto pessoal encontrar respostas para as 3 perguntas basilares da existência: De onde venho? (investimentos realizados), Quem sou? (auto-conhecimento – definição de identidade), Para onde vou? (construção de projectos). Para conhecer os investimentos do sujeito psicológico é necessário aceder às escolhas que ele teve que fazer ao longo da sua vida. De quem foram estas escolhas? Dele, doutros, dele por influência de quê ou de quem? Como é que o indivíduo significou estes momentos? Que influência tiveram para o seu presente? E para o futuro? Quais os seus modelos orientadores? Em que medida estas escolhas influenciaram a sua vida? Em que medida é que o contexto interfere/ia na sua vida? Que recursos tem esta pessoa? E a comunidade o que lhe oferece? Qual o espaço que o trabalho/escola tem na sua vida? Em que medida são conciliados os diferentes papéis na sua vida? – se se quiser, retomando a história inicial, tais narrativas acabam por ser uma espécie de “ovo” que o profissional, à semelhança do desafio lançado por Colombo, deve procurar equilibrar em cima da mesa. Para isso, conforme se referiu, há que se socorrer de uma multiplicidade de estratégias...

Que estratégias? Poder-se-ão perguntar. O profissional é responsável por: consciencializar os clientes das competências que possuem, sendo que, para lhes permitir o acesso, é necessário propiciar o desbloqueio emocional; promover a diferenciação e a reflexão (o velho mundo e o novo mundo); criar condições para a reflexão sobre as formas identitárias subjectivas (Guichard, 2005, 2007); reforçar os mecanismos de coping, conferir ao indivíduo o protagonismo da acção através da intencionalidade (exploração de expectativas, oportunidades, investimentos, planos), isto é, orientar a construção de pequenos projectos de vida, que possam dar sentido à sua existência. Dito de outra forma, facilitar a emergência da visão crítica quanto às opções existentes, promovendo a exploração de novos caminhos com vista à integração e ao desenvolvimento de um sentido de agência de agência pessoal – ou seja, proporcionar uma exploração reconstrutiva dos seus investimentos (Campos & Coimbra, 1991; Coimbra, Campos & Imaginário, 1994).

Os instrumentos utilizados emergem desta análise macro e micro estrutural e, impassivelmente, são construídos numa lógica de dinâmica inter-dimensional. Pode sê-lo o simples uso de uma notícia actual aleatoriamente seleccionada, com vista à promoção da reflexão e da diferenciação; a criação de jogos exploratórios adaptados a cada sujeito e cada situação em particular, por vezes a partir de jogos já existentes e que circulam no mercado; o desenhar uma árvore de influências que permitirá explorar as influências macro e micro, externas e internas; o construir efectivamente, facilitando a integração do processo, recorrendo ao uso de materiais como gesso, esfoforite, entre outros.

Mas que profissional de orientação...?

Um profissional não é imune às variáveis macro e micro estruturais anteriormente mencionadas – dito de outro modo e recorrendo, novamente, à metáfora que dá o mote ao presente trabalho, também os profissionais de orientação contemporâneos se confrontam com um “novo mundo”, inóspito e desconhecido, que outros (entre os quais académicos como os antes enunciados) começaram já a desbravar, mas que, apesar de tudo, ainda se lhes afigura como um território algo ameaçador e

imprevisível, porque para além dos horizontes que lhes são familiares.

Mais, com frequência, a produtividade exigida pode ser inimiga da qualidade a que aspira. Também o trabalho constantemente reivindicado no agir prático impossibilita, por vezes, momentos essenciais de reflexão. Mais ainda, para uma grande maioria de profissionais, esses momentos de reflexão só são permitidos, pelas respectivas entidades empregadoras, para além dos períodos pré-estabelecidos e formalmente acordados para a execução do trabalho, o que, portanto, por norma, os leva à abdicar de outros momentos e contextos (e.g., família, lazer) em prol do trabalho. É, pois, este profissional que paradoxalmente deve representar para o cliente um porto de abrigo, na medida em se consolida como fonte de confiança pois, caso não o faça, o seu trabalho cairá provavelmente em descrédito.

E se mesmo com a clareza desta consciencialização, o peso do sócio-cultural o supera... qual a credibilidade deste profissional? Morre em si mesmo? Ou recorre a um certo solipsismo? Este profissional não imunizado das variáveis sociais, o qual foi seriamente instruído ao longo da sua formação da necessidade ética e da estratégia interventiva de constituir-se um porto de abrigo para o cliente... Onde se abriga este profissional? Nos seus próprios recursos psicológicos? Podem os profissionais ser encarados como fontes de energia renováveis, onde está renovação acontece com o desenvolvimento das estruturas psicológicas e de competências? Neste emaranhado de indefinição longitudinal e latitudinal talvez o profissional não saiba bem até onde pode ir, quais as suas referências ou coordenadas (Collin, 2000), ao mesmo tempo, que se sente como a mulher elástico da banda desenhada Marvel.

É no concreto, na prática quotidiana, que se encontram estas complexidades funcionais (ou, talvez mesmo, disfuncionalidades). Logo, deixam de fazer sentido os paradigmas rectilíneos e hierárquicos, para compreender a orientação e a evolução das carreiras (até a existência ou o desenvolvimento humanos) onde os acontecimentos se sucedem de um modo sequencial e linear, numa lógica de passagem pela vida, mais ou menos organizada e previsível. Surgem, com cada vez mais força, visões alicerçadas em paradigmas cíclicos, onde tudo acontece de modo espiralado, recorrente. Ao mesmo tempo, os acontecimentos de vida, não mais estados-fim desenvolvimentais, pelo menos não forçosamente (pense-se, por exemplo, no que sucede no domínio do (des)emprego e o vai-vem mais ou menos constante entre estados e estatutos que muitos indivíduos hoje em dia experienciam), sucedem-se simulando, na sua (des)continuidade, o balancear de um iô-iô, como se cada um de nós vivesse numa lógica de viagem, de navegação mais ou menos à vista (Evans & Furlong, 1997/2001). E lá voltamos nós ao início: como colocar o ovo em pé e como conseguir que, ainda que momentaneamente, se equilibre? Por outras palavras, quais os navegadores ou descobridores (autores) que já se aventuraram por tais caminhos e que respostas, mesmo que incertas e temporárias, nos foram disponibilizando? Como as (re) adaptar às circunstâncias específicas das populações e contextos de uma dada intervenção...?

Síntese

No fundo, tal como se acaba de sugerir, os autores a partir dos quais se desenvolve esta reflexão surgem como um Colombo que ensina a ler o que com um olhar míope, viciado e acrítico é comumente inelégível. A superação do existente e do aceite, à semelhança de Colombo ou de Brunelleschi parece, a posteriori, óbvia e lógica, porque nos é oferecida já uma chave, um mapa, uma luz, um tridente. Contudo, cada ovo, cada porta, cada estrada, cada noite, cada oceano é idiossincrático/a e contextual, logo, em cada situação há inúmeros imponderáveis que devem ser acautelados, complexificando a tarefa por relação à aparente solução "universal" de bater com o ovo na mesa para que ele assente e fique em pé. Consequentemente o local determinado quer para bater com o ovo, quer a parte do próprio ovo que vai ser quebrada ou até mesmo a forma como se quebra o ovo são também essenciais para a cura desta semiologia molecular-psicológica proporcionada pelo emergir das soluções "novas". Ponderavelmente os autores revelam-se também conscientes deste pseudo-universalismo pragmático das meta-teorias!

Assim sendo, pode dizer-se que são diversas as propostas no sentido de verticalmente equilibrar o ovo e face a estas múltiplas perspectivas cabe ao profissional apropriar-se delas e construir a sua microintervenção, pois a dificuldade maior reside na criação das meta-narrativas (Young, Marshall & Valach, 2007). Não obstante, o profissional analista das macro-variáveis, é ao mesmo tempo um arquitecto paisagista da intervenção e um criador de teorias, que decorrem simultaneamente do facto de também ele paralelamente ter que gerir as macro-variáveis que interferem no quotidiano de todos os cidadãos, e portanto da sua própria existência. Este profissional, ao reconhecer o inelúvel ciclo em que se encontra imerso, deve usar da sua criatividade na reconstrução dos instrumentos, não podendo contudo descurar-se a importância de uma formação sólida, potencializadora de uma visão crítica, holística, eclética e ajustada às dinâmicas psicossociais, representadas como inerentes à existência do sujeito psicológico humano, que por sua vez se enquadra nas dimensões tempo, espaço, pessoal (privativo, da intimidade) e do próprio mundo (ou seja, de cariz mais público). Torna-se portanto imperativo que o profissional construa a definição dos seus limites, experienciando, para que possa usá-los, os condicionalismos em prol de uma intervenção psicológica eficaz e, à semelhança de Colombo, face às adversidades que inevitavelmente povoam o seu caminho, construa soluções e não se deixe abater pelos obstáculos.

Referências bibliográficas

- Aynsley, S. & Crossouard, B. (2010). Imagined futures: Why are vocational learners choosing not to progress to HE?. *Journal of Education and Work*, 23 (2), 129-143.
- Beijan, D.V. & Salomone, P.R. (1995) Understanding midlife career renewal: implications for counseling. *Career Development Quarterly*, 44, 52-63.
- Bynner, J. & Parsons, S. (2001). Qualifications, basic skills and accelerating social exclusion. *Journal of Education and Work*, 14 (3), 279-291.
- Campos, B.P. & Coimbra, J.L. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *ógica*, 7, 11-19.
- Collin, A. (2000). Dancing to the music of time. In A. Collin & R. Young (Eds.), *The future of career*, (pp. 83-97). Cambridge: Cambridge University Press.
- Evans, K. & Furlong, A. (1997/2001). Metaphors of youth transitions: niches, pathways, trajectories or navigations. In J. Bynner, L. Chisholm & A. Furlong (Eds.), *Youth citizenship and social change in a European context*, (pp. 17-41). Aldershot: Ashgate Publishing Limited.
- Franzén, E.M. & Kassman, A. (2005). Longer-term labour-market consequences of economic inactivity during young adulthood: A Swedish national cohort study. *Journal of Youth Studies*, 8 (4), 403-424.
- Guichard, J. (1997). Les projets personnels des adolescents: Projets du présent ou projets d'avenir?. In A. Morris (Ed.), *L'Orientation face aux mutations du travail*, (pp. 81-88). Paris: Éditions Syros.
- Guichard, J. (2005). Life-long self construction. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 5, 111-124.
- Guichard, J. (2007). Life-long self construction: A core issue of vocational psychology in a globalized world. Comunicação apresentada na IAEVG International Conference "Guidance and Diversity: Research and Applications". Pádua, Setembro.
- Guichard, J. & Pouyaud, J. (2008). *School transition and self-construction in adolescents and emerging adults*. Comunicação apresentada na 2008 International Counseling Psychology Conference "Creating the Future: Counseling Psychologists in a Changing World". Chicago/Illinois, Março.
- Guidano, V. (1991). *The self in process*. New York: The Guilford Press.
- Méda, D. (1999) – O trabalho, um valor em vias de extinção. Lisboa: Fim do século.
- Pais, J.M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbra.
- Pais, J.M., Cairns, D. & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: Retrato da diversidade. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 17 (2), 109-140.
- Parada, F. (2007). *Significados e transições para o trabalho em jovens adultos*. Tese de Dissertação de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: Edição do Autor.
- Valach, L. & Young, R.A. (2002). Contextual action theory in career counselling: Some misunderstood issues. *Canadian Journal of Counselling*, 35 (2), 97-112.
- Young, R.A. & Valach, L. (2000). Reconceptualising career theory and research: An action-theoretical perspective. In R.A. Young & A. Collin (Eds.), *The future of career*, (pp. 181-196). Cambridge: Cambridge University Press.
- Young, R.A. & Valach, L. (2004). The construction of career through goal-directed action. *Journal of Vocational Behavior*, 64, 499-514.
- Young, R.A. & Valach, L. (2008). Action theory: An integrative paradigm for research and evaluation in career. In J.A. Athanasou & R. van Esbroek (Eds.), *International handbook of career guidance*, (pp. 643-658). Netherlands: Springer.
- Young, R.A., Marshall, S.K. & Valach, L. (2007). Making career theories more culturally sensitive: Implications for counseling. *The Career Development Quarterly*, 55, 4-18.